

cia da Igreja. O signo impresso do Novo possibilitou a ampliação da experiência emotiva restrita a uns poucos pesquisadores, para todo o arco de uma época ou para o homem comum dela.

Esse sentimento reverberando no coletivo teve o caráter de um ritual. O sentido desse ritual ou a licença que esse possibilitou foi o de uma amizade selvagem das pessoas consigo mesmas e entre elas mesmas. Esse sentimento para a época foi inteiramente novo. Montaigne, depois de passar sob crítica a visão que os antigos tinham da amizade, fala sobre a sua experiência desse sentimento, nos seus "Ensaaios", num capítulo especialmente dedicado ao tema. Nesse texto, de quase um século depois da descoberta do Novo Mundo, diz não conhecer, entre os discursos que a antigüidade deixara sobre a amizade, nenhum que explicasse bem o que ele sentia, e mais ainda que ninguém antes dele sentira uma coisa assim: "Os próprios discursos que a antigüidade nos deixou sobre esse assunto me parecem débeis em comparação com o sentimento que eu tenho". "Não se lê sobre uma igual — ele ainda dirá — e, entre nossos homens, não se vê o traço de alguma outra acontecendo", além de, "ela <sup>a amizade,</sup> não tem outra idéia a não ser ela mesma, e só pode se reportar a si mesma".<sup>10</sup>

Montaigne não exagera na singularidade do seu sentimento, ou não é o único a se sentir num momento especialíssimo e sem referência. Também é esse o sentimento de Américo Vespúcio pela sua viagem, oitenta anos antes, o de uma experiência nova e jamais feita, e que não se encontra descrita pelos antigos autores. A viagem tem na sua visão um sentido equivalente ao que a amizade terá para Montaigne. A amizade é a forma que o prende ao espaço e o faz viajar. E é esse sentimento, a possibilidade dele e das coisas inéditas para as quais a sua existência abre, que entusiasma a época na forma das cartas que testemunham isso.

Montaigne não exagera e nem diminui os filósofos antigos quando os diz inaptos na descrição desse sentimento. O homem até a Renascença não estava apto a isso. A presença de Deus se interpondo como um segredo maior ou um espelho dirigindo as condutas, fechava um homem para outro, separava uma pessoa de si mesma.

Essa amizade nova produz uma alegria selvagem. Vinda do medo ou da ausência de Deus, quantas vezes o seu sinal, antes de ser o riso,

não é o choro? É que essa amizade que o Renascimento conhece é fundamentalmente uma destruição de limites, uma comunicação soberana, ou uma fusão de um espírito conciliado consigo mesmo ou onde dois espíritos se perdem mutuamente sem nenhum outro valor a não ser o da soberania dessa ação: "... tomada a minha vontade, ela foi levada a se deixar ir e se perder na sua; tomada a sua vontade, ela foi levada a se deixar ir e se perder na minha, com uma fome, com um impulso parecidos. Eu digo, verdadeiramente, perder, por não nos reservarmos nada que nos fosse próprio, nem que fosse seu, ou meu", dirá Montaigne, "na amizade da qual eu falo — ainda ele dirá — as nossas almas se misturam e se confundem uma na outra, de uma mistura tão universal, que elas apagam e não encontram mais a costura que as juntou".<sup>11</sup>

Esse sentimento é o de uma novidade para a época na medida em que ele supõe uma separação, uma distinção ou uma construção que os medievais e nem mesmo os antigos conheciam. Essa amizade, para se dar, exigia a autonomia e a liberdade do homem, o conhecimento prévio dos limites individuais. Ela pedia a concentração ou a multiplicação numa pessoa de energias que anteriormente se difundiam em outros sistemas. O homem de fé, em comunicação maior com Deus, assim como o antigo, integrado em tribo ou clã, ou cidadão da "pólis", não conheciam o indivíduo ou o humano nesses termos que só a separação dá. Era preciso um espedaçamento prévio da sociedade e das suas crenças, que fizesse resultar num isolamento e numa concentração de forças no homem individual, para o processo da amizade aparecer como um salto maior.

A Renascença é esse período de ruptura do tecido social, de grande impiedade e de cinismo religiosos. Uma cultura que se sentia enclausurada em si mesma dá então inúmeras mostras simultâneas de querer se desembaraçar de convenções e de estereótipos que já lhe constituíam mais peso do que facilidades, de querer enfim provar crueza e resistência, buscando para si uma nova tenacidade, ou novos valores. As lutas permanentes entre as cidades italianas, a libertinagem e a crueza do Vaticano da época, fazendo-o mais descendente de Roma do que dos princípios apostólicos, são desse espírito. Essas turbulências suscitaram em cadeia duas reações regressivas — a Reforma, de um lado, e a Contra-Reforma de outro, liquidando o ânimo mais forte da Renascença. Por isso, nesse intervalo em que durou esse espírito da Renascença, o texto de